

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES, SOCIAL E DO TRABALHO

Questionário COMPETITIVIDAD-10: Análise de indicadores de validade numa amostra de atletas de basquetebol portugueses.

Tiago Miguel Oliveira Novais

M

2020



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação



**QUESTIONÁRIO COMPETITIVIDAD-10: ANÁLISE DE INDICADORES DE
VALIDADE NUMA AMOSTRA DE ATLETAS DE BASQUETEBOL
PORTUGUESES.**

Tiago Miguel Oliveira Novais

Novembro, 2020

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor Pedro Lopes dos Santos (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Aos meus pais, Anabela e José Manuel, por serem o meu exemplo de força e persistência. Por me ensinarem a acreditar nos meus sonhos e a lutar por eles. Por serem a luz do meu caminho.

Aos meus avós, Albino e Joaquina, pelo amor incondicional, pela compreensão, pelos conselhos e pela sabedoria, que me tornaram na pessoa que sou hoje.

À Mariana, por ser o meu apoio e a minha inspiração.

Ao meu primo, João, por ser o meu exemplo a seguir.

Aos meus amigos, André, Diogo e Wilson, por terem percorrido este caminho ao meu lado.

Ao meu orientador, Professor Pedro Lopes dos Santos, pela ajuda, pela simpatia e pelo conhecimento imprescindível ao desenvolvimento deste trabalho.

Resumo

O presente estudo pretendeu testar a validade do questionário COMPETITIVIDAD-10 (Remor, 2007) numa amostra de 491 atletas de basquetebol portugueses. Os procedimentos estatísticos permitiram concluir que o nível de fiabilidade dos itens foi bom e confirmar a organização bidimensional da estrutura do instrumento. Assim, à semelhança da versão original criada em contexto espanhol, pudemos verificar que os itens se agrupavam consistentemente em dois fatores, representando subescalas de motivação competitiva: Uma de motivação orientada para o sucesso e a outra de motivação direcionada a evitar o insucesso. No mesmo sentido, os índices obtidos através da realização de análises fatoriais confirmatórias multigrupo revelaram uma qualidade de ajustamento excelente, comprovando a invariância dos modelos constritos quando se fixaram em valores constantes as condições das variáveis género e nível etário dos participantes. Relativamente ao género, comparando as médias através do teste t de Student, as mulheres tenderam a pontuar mais baixo do que os homens na subescala da motivação para o sucesso e na medida total de competitividade, tal como no artigo original de Remor (2007). A inteligência emocional, utilizada como critério de validade revelou estar positivamente relacionada com os valores da medida de competitividade, da subescala de motivação para o sucesso e negativamente relacionada com a subescala de motivação para evitar o insucesso e as notas da competitividade.

Palavras-chave: competitividade; desporto; motivação para a realização; questionário; inteligência emocional;

Abstract

The present study aimed to test the validity of the COMPETITIVIDAD-10 questionnaire (Remor, 2007) in a sample of 491 Portuguese basketball players. The statistical procedures allowed us to conclude that the level of reliability of the items was good and confirm the two-dimensional organization of the instrument's structure. Thus, similarly to the original version created in the Spanish context, we were able to verify that the items were consistently grouped into two factors, representing subscales of competitive motivation: One for success-oriented motivation and the other for motivation aimed at avoiding failure. In the same sense, the rates obtained through the confirmatory multigroup factorial analyses revealed an excellent quality of adjustment, proving the invariance of the constrained models when the conditions of the variables gender and age level of the participants were fixed in constant values. Regarding gender, comparing the means using the Student's t test, women tended to score lower than men on the subscale of motivation for success and on the total measure of competitiveness, as in the original article by Remor (2007). Emotional intelligence, used as a validity criterion, revealed to be positively related to the values of the competitiveness measure, the motivation subscale for success and negatively related to the motivation subscale to avoid failure and the competitiveness scores.

Keywords: competitiveness; sport; achievement motivation; questionnaire; emotional intelligence;

Résumé

La présente étude visait à tester la validité du questionnaire COMPETITIVIDAD-10 (Remor, 2007) sur un échantillon de 491 athlètes de basketball portugais. Les procédures statistiques nous ont permis de conclure que le niveau de fiabilité des items était bon et de confirmer l'organisation bidimensionnelle de la structure de l'instrument. Ainsi, à l'instar de la version originale créée dans le contexte espagnol, nous avons pu vérifier que les items ont été regroupés en deux facteurs, représentant des sous-échelles de motivation compétitive: l'un pour la motivation axée sur la réussite et l'autre pour la motivation visant à éviter l'échec. Dans le même sens, les indices obtenus par à la réalisation d'analyses factorielles confirmatoires multigroupes ont révélé une excellente qualité d'ajustement, prouvant l'invariance des modèles contraints lorsque les conditions des variables sexe et âge des participants étaient fixées en valeurs constantes. En ce qui concerne le sexe, en comparant les moyennes à l'aide du test t de Student, les femmes avaient tendance à obtenir des scores inférieurs à ceux des hommes sur la sous-échelle de la motivation à réussir et sur la mesure totale de la compétitivité, comme dans l'article original de Remor (2007). L'intelligence émotionnelle, utilisée comme critère de validité, s'est révélée positivement liée aux valeurs de la mesure de compétitivité, à la sous-échelle de motivation pour réussir et négativement liée à la sous-échelle de motivation pour éviter l'échec et aux scores de compétitivité.

Mots-clés: compétitivité; sport; motivation de réussite; questionnaire; intelligence émotionnelle;

Índice

1. Introdução	1
1.1. Competitividade	1
1.2. Competitividade no desporto	1
1.3. O presente estudo	4
2. Método.....	6
2.1. Amostra	6
2.2. Instrumentos	6
2.3. Procedimento.....	7
2.4. Plano analítico	8
3. Resultados.....	10
3.1. Estrutura dimensional do questionário	10
3.2. Fiabilidade da Competitividad-10	14
3.3. Relações com o género e a pontuação da escala de inteligência emocional	16
4. Discussão	17
Referências.....	20
Apêndices.....	I

Lista de acrónimos

AERA	American Educational Research Association
APA	American Psychological Association
C	Competitividade
EIES	Escala de Inteligência Emocional de Schutte
IE	Inteligência Emocional
Mei	Motivação para evitar o insucesso
Ms	Motivação para o sucesso
NCME	National Council on Measurement in Education

1. Introdução

1.1. Competitividade

A competição parece ser um fator estruturante do mundo atual, assumindo um papel crucial em contextos sociais, económicos, educativos e desportivos (e.g., Baldauf, Engqvist, & Weissing, 2014; Menesini, Tassi, & Nocentini, 2018). Segundo vários autores (e.g., Charlesworth, 1996; Hawley, 2010), a orientação competitiva integra um complexo sistema motivacional selecionado ao longo da filogénese que contribui, decisivamente, para moldar a personalidade e regular o desenvolvimento social dos indivíduos. Nessa perspetiva, Kohn (1992) sustenta que a competitividade faz parte dos atributos da natureza humana, sendo uma característica que se deve valorizar enquanto algo de inevitável e até positivo. A par de uma faceta interpessoal relacionada com o desejo de vencer, dominar ou superar o outro, a orientação competitiva inclui, também, uma dimensão intrapessoal associada ao propósito de atingir excelência ou mestria na realização de tarefas específicas (Griffin-Pierson, 1990). Assim, o conceito de competitividade é frequentemente concebido como um traço de personalidade (e.g., Houston et al., 2002; Kayhan, 2003).

1.2. Competitividade no desporto

Os aspetos puramente físicos, técnicos, ou táticos conjugam-se com as características psicológicas dos jogadores na determinação dos seus níveis de desempenho desportivo (e.g., Carlsted, 2004; Jarvis, 2005; Moran, 2004). Se considerarmos, a título de exemplo, uma modalidade como o basquetebol, os sucessos e os insucessos de um desportista resultam da intercessão entre capacidades atléticas (e.g., força, velocidade e resistência física), técnicas (e.g., controlo da bola ao driblar, precisão do passe...), táticas (e.g., conhecimento das jogadas idealizadas pelo treinador, grau de adequação com que participa nas dinâmicas coletivas do jogo...) e variáveis de índole psíquica (e.g., personalidade, motivação...). Entre

as variáveis psicológicas, a competitividade tem sido referida como um dos fatores mais importantes na diferenciação do rendimento desportivo dos praticantes (e.g., Jones, 2015).

Até cerca da década de 1990, as abordagens dominantes na investigação em Psicologia do Desporto tenderam a conceptualizar a orientação competitiva adotando uma perspetiva unidimensional (Fülöp & Orosz, 2015). Nesta ótica, a competitividade do desportista era olhada enquanto mero reflexo do desejo de vencer ou de superar adversários de maneira a que os outros reconhecessem os padrões de excelência atlética por si atingidos (e.g., Helmreich et al., 1978; Martens, 1975; Ryckman et al., 1990). Posteriormente, os enfoques evoluíram no sentido de uma ótica multidimensional onde o anseio de adquirir notoriedade social através da vitória surgia como elemento de uma constelação de fatores que incluíam motivos como a busca de satisfação pessoal relacionada com o sucesso obtido no desenvolvimento de faculdades e de competências específicas ligadas ao desempenho desportivo (Fülöp & Orosz, 2015; Houston, Harris & McIntire, 2002).

Entende-se, assim, que o constructo da *motivação para a realização* constitua, atualmente, uma referência chave no estudo da competitividade (Clancy et al., 2016; Lorenzo-González, 1987; Martín & Gill, 1995; Remor, 2007). Na esteira dos aportes teóricos de Murray (1938), posteriormente expandidos por Atkinson (1964) e McClelland (1961), o nível de orientação competitiva de um atleta pode ser encarado como variável resultante da relação entre a predisposição motivacional para alcançar o sucesso e a predisposição para evitar o insucesso. Ambas as disposições representam traços distintos da personalidade que permanecem relativamente estáveis ao longo do tempo (Escartí & Cervelló, 1994). Por conseguinte, um atleta cujo grau de motivação para o sucesso é superior à inclinação para evitar o fracasso estará, na vertente emocional, mais focalizado no anseio de sentir orgulho com os êxitos do desempenho desportivo e menos centrado na preocupação de falhar ou de vir a ser mal-sucedido (Orosz et al., 2018). Como resultado tenderá a procurar,

preferencialmente, situações desafiantes sem se esquivar àquelas que comportam risco de insucesso, obtendo vantagens em termos da qualidade da sua *performance*.

Importa realçar que os fatores situacionais são, aqui, importantes na medida em que também eles influenciam o comportamento. Mesmo que o atleta tenha uma baixa motivação para a realização, a perceção da probabilidade de atingir o sucesso bem como o valor dos incentivos associados á obtenção do êxito, podem levar o desportista a sentir-se mais motivado para alcançar o êxito em detrimento da tendência de evitar o insucesso (Jarvis, 2006).

É sabido que variáveis culturais e demográficas influenciam a expressão da orientação competitiva. Nesse sentido, os dados da literatura salientam o papel das atitudes e crenças das famílias e pares do desportista (e.g., Keegan et al., 2014). Está, igualmente, bem documentado que os níveis de competitividade são genericamente inferiores nos praticantes do género feminino do que nos do género masculino (e.g., Frick, 2011; Remor, 2007).

As emoções podem mediar e motivar comportamentos, assegurando que os indivíduos canalizam recursos físicos e psicológicos para uma determinada tarefa (Vallerand & Blanchard, 2000). Vários estudos ilustram que as vivências emocionais representam uma componente essencial na experiência desportiva dos atletas e têm consequências motivacionais para o desempenho dos mesmos (Stellino, Partridge, & Moore, 2012; Uphill & Jones, 2012). Algumas abordagens sugerem que a habilidade dos atletas para controlar e entender as emoções próprias e as dos outros é crucial e estará relacionada com o conceito de inteligência emocional (Ciarrochi, Forgas, & Myer, 2001; Goleman, 2001). Esta hipótese foi investigada em vários trabalhos que, na verdade, encontraram correlações positivas entre a motivação para o sucesso e os valores da inteligência emocional em amostras de desportistas.

1.3. O presente estudo

Remor (2007) criou, em contexto espanhol, um questionário – COMPETITIVIDAD-10 – destinado a avaliar o nível de orientação competitiva dos desportistas. Baseado nos pressupostos da teoria da motivação originalmente desenvolvida por Murray (1938) e mais tarde ampliada por Akinson (1964) e McClelland (1961), o autor definiu duas classes ortogonais de agrupamento dos itens: Uma para medir a motivação pessoal para o sucesso; a outra para estimar a motivação pessoal para evitar o insucesso. Estes dois grupos de itens integram duas subescalas a partir das quais se calcula um *score* de competitividade.

O nosso trabalho teve como objetivo testar a validade do questionário COMPETITIVIDAD-10 numa amostra portuguesa de jogadores de Basquetebol. Ao realizar o estudo usando este grupo específico de atletas que variava da amostra selecionada por Remor (2007) em termos de nacionalidade, língua falada e experiência desportiva, a presente investigação tem o potencial de robustecer o processo de validação científica do instrumento supramencionado. Seguindo, as orientações e os termos introduzidos na última edição dos *Standards for Educational and Psychological Testing* (AERA, APA, & NCME, 2014) procurámos examinar a validade da COMPETITIVIDAD-10 através da recolha de evidências baseadas na análise da estrutura interna da prova e na apreciação das relações com outras variáveis.

Segundo Lynn e Gronlund (2000), a demonstração da validade de um instrumento deverá seguir um processo decomponível em três passos: (a) seleção de variáveis ou medidas teoricamente pertinentes face aos resultados da prova a validar; (b) formulação de hipóteses relativas a cada uma das variáveis ou medidas selecionadas; (c) avaliação empírica dessas hipóteses. Considerando o nosso caso o estudo da validade da COMPETITIVIDAD-10 baseou-se no teste das seguintes proposições ou hipóteses.

1. Embora a fiabilidade seja discutida como propriedade independente dos resultados obtidos, deve reconhecer-se que este atributo tem implicações para a validade do instrumento. Em última análise, a fiabilidade ou precisão dos dados influencia a generalização e a consistência das classificações dos indivíduos derivadas das pontuações por eles alcançadas (AERA, APA, & NCME, 2014). Nesse sentido, as nossas análises examinarão a hipótese de que, na amostra observada, os indicadores estatísticos da fiabilidade da COMPETITIVIDADE-10 situam-se em níveis tidos como aceitáveis.
2. A assunção de que a configuração estrutural dos itens da COMPETITIVIDAD-10 identifica os traços latentes de significado que refletem o modelo teórico no qual se baseia o instrumento, a análise fatorial confirmatória efetuada com os resultados obtidos na nossa amostra mostrará que os itens se agrupam, igualmente em dois fatores traduzindo (i) a motivação para o sucesso e (ii) a motivação para evitar o insucesso.
3. Partindo da mesma assunção, a análise fatorial confirmatória multigrupo revelará a presença de uma configuração estrutural invariante quando se consideram as variáveis género e idade. Por outras palavras, conjecturamos que o instrumento avalia o mesmo constructo com exatidão inalterada nos participantes do género masculino e feminino bem como nos participantes pertencentes a segmentos etários distintos.
4. Considerando os dados da literatura e partindo do princípio de que a COMPETITIVIDAD-10 permite obter uma medida da orientação competitiva dos atletas é de esperar que os respondentes do género masculino revelem níveis de competitividade superiores aos demonstrados pelos participantes do género feminino.
5. Pelas mesmas razões é expectável que se observe uma correlação positiva entre as medidas da competitividade e da inteligência emocional dos participantes.

2. Método

2.1. Amostra

A amostra do presente estudo é composta por 491 atletas de basquetebol pertencentes a plantéis de equipas do escalão sénior integradas nas competições da Federação Portuguesa de Basquetebol. Destes participantes, 261 eram do género masculino e 230 do género feminino, tendo idades compreendidas entre os 17 e os 40 anos ($M=21,93$, $DP=3,97$). Em média, praticavam a modalidade desportiva de uma forma regular há cerca de 12 anos ($M=12,20$, $DP=4,45$), sendo que a sua experiência variava entre 1 e 30 anos.

2.2. Instrumentos

COMPETITIVIDAD-10. Para avaliar a competitividade dos atletas, foi utilizada a versão portuguesa do questionário COMPETITIVIDAD-10 (Remor, 2007). Trata-se de um questionário de autorrelato com 10 perguntas sobre as motivações associadas à competitividade desportiva. O formato de resposta é do tipo Likert (1=quase nunca, 2=algumas vezes, 3=quase sempre). O questionário contém duas subescalas: Motivação para o sucesso e Motivação para evitar o insucesso. Calcula-se a pontuação da subescala Motivação para o sucesso (M_s , itens 1,2,3,5,8,10) e da subescala Motivação para evitar o insucesso (M_{ei} , itens 4,6,7,9) através da soma dos itens (com a inversão do item 10) e posteriormente a média ponderada de cada subescala. O indicador total de competitividade calcula-se através da diferença entre M_s e M_{ei} ($C=M_s-M_{ei}$). Quando a diferença entre as subescalas é positiva, ou seja, uma maior M_s , o sujeito apresenta uma tendência para uma alta motivação para competir. As propriedades psicométricas do questionário (fiabilidade, validade de constructo, concorrente, discriminante e preditiva) estão descritas em Remor (2007).

Escala de Inteligência Emocional de Schutte. Para calcular a inteligência emocional dos atletas, foi aplicada a versão portuguesa da Escala de Inteligência Emocional de Schutte (EIES), traduzida por Vicente (2014). Esta versão da EIES é composta por 27 itens pontuados segundo uma escala do tipo Likert (de 1=discordo totalmente até 5=concordo totalmente). A escala compreende 4 dimensões distintas (Percepção das próprias emoções; Componente sociocognitiva das emoções; Percepção das emoções dos outros e Dificuldade na compreensão das emoções) sendo possível obter uma pontuação compósita geral através da soma de todos os itens das diferentes dimensões. No âmbito deste estudo usamos apenas a pontuação compósita.

2.3. *Procedimento*

Esta investigação foi direcionada para o basquetebol pelo reconhecimento da grande influência das emoções e da competitividade, inerentes a esta modalidade desportiva.

Foi então realizado um pedido de autorização, via e-mail, aos autores das escalas, elucidando algumas questões relativas aos objetivos da investigação e ao uso que seria dado aos instrumentos. Os autores permitiram a utilização dos mesmos com a condição de, depois de concluído o estudo, enviar a versão final desta tese de mestrado. A escala COMPETITIVIDAD-10 foi traduzida e posteriormente validada com mestria, por duas pessoas fluentes em ambas as línguas.

Devido à pandemia de Covid-19, as competições de basquetebol foram canceladas e por esse motivo, foi necessário adaptar os questionários a um formato digital, através da plataforma *Google Forms*. Posteriormente, o *link* para o preenchimento dos questionários foi enviado pelos responsáveis das equipas aos seus respetivos atletas, via e-mail. No momento prévio ao contributo voluntário dos participantes, foi dada aos mesmos uma explicação sobre a natureza do estudo e os objetivos gerais do mesmo, assim como informações acerca da

confidencialidade, possibilidade de desistência e anonimato das respostas, acompanhadas de indicações de como proceder ao preenchimento dos questionários. Foram incluídas questões relativas à idade, anos de prática desportiva e género dos atletas (ver Apêndice).

2.4. *Plano analítico*

O estudo da configuração estrutural e das propriedades métricas da versão portuguesa da escala COMPETITIVIDAD-10 foi feito mediante a utilização de uma multiplicidade de procedimentos estatísticos.

Recorrendo à técnica da Análise Fatorial Exploratória examinámos, através do critério da raiz latente (Hair et al., 2014), até que ponto os resultados refletiam a organização bidimensional proposta por Remor (2007).

Avaliámos depois o ajustamento do modelo de dois fatores à amostra recolhida através do método da Análise Fatorial Confirmatória baseado na técnica de modelação de equações estruturais (*Structural Equation Modelling*). A amostra total foi dividida aleatoriamente em duas, de maneira a possibilitar a realização repetida das análises em grupos de respondentes distintos. Tal como Bollen (1989) refere, a comparação dos resultados de ambas as análises permite apreciar a validade cruzada da estrutura de fatores apurada na primeira.

Recorrendo à totalidade da amostra, efetuámos ainda análises multigrupo para testar a invariância do modelo fatorial da COMPETITIVIDAD-10 em relação ao género e à idade dos participantes. Neste contexto, examinámos se a qualidade do ajustamento da solução fatorial era idêntica em cada uma das condições dessas duas variáveis. Seguindo a sugestão de diversos autores (e.g., Little, 2013; Marôco, 2010; Widaman & Reise, 1997) completámos a avaliação da invariância fatorial, comparando, em referência às mesmas variáveis, o ajuste dos respetivos modelos de base (modelos livres) com modelos especificados mediante a

fixação dos valores dos respectivos pesos fatoriais e covariâncias (modelos constritos). No âmbito da Análise Fatorial Confirmatória, a não rejeição da hipótese de invariância é indicador de validade convergente.

Estas análises foram conduzidas com o software AMOS 27. O uso das estatísticas baseadas na análise de equações estruturais é apropriado aos casos em que o investigador procura averiguar a consistência de um quadro teórico aprioristicamente formulado com os dados efetivamente recolhidos. Consequentemente, ao contrário do que sucede na estatística tradicional, o objetivo não consiste em examinar a significância de diferenças entre variáveis, mas apreciar o ajustamento das medidas obtidas com a arquitetura de relações conjecturais a validar. Assim, no caso específico da Análise Fatorial Confirmatória, os cálculos permitem determinar o valor de um Qui-quadrado que, sendo estatisticamente não significativo é por excelência, o índice de ajustamento tido como mais adequado. Contudo, este teste estatístico é muito sensível ao tamanho das amostras motivo pelo qual os autores recorrem a uma multiplicidade de índices alternativos ou complementares (Little, 2013; Marôco, 2010). A partir dos exemplos mais comumente reportados na literatura, socorremo-nos dos seguintes índices adicionais para avaliar o ajustamento dos modelos: O Qui-quadrado relativo aos graus de liberdade (Chi-square to the degrees of freedom [χ^2/df]), a raiz quadrada média do erro de aproximação (root mean square error of approximation [RMSEA]), o índice de qualidade do ajuste (goodness-of-fit index [GFI]), o índice de ajuste comparativo (comparative fit index [CFI]), e a raiz quadrada média estandardizada dos resíduos (standardized root-mean-square residual [SRMSR]). São considerados valores de ajustamento adequados os níveis de $RMSEA \leq .06$, de $GFI \geq .95$, de $CFI \geq .95$, de $SRMSR \leq .06$ (Little, 2013). Quanto ao índice χ^2/df , Marôco (2010) sublinha que valores de magnitude inferiores a 2 revelam bom ajustamento.

A fim de avaliar a invariância das soluções fatoriais são usados, ainda, dois outros índices: a diferença entre os Qui-quadrados e entre os valores de CFI obtidos nos modelos de base e nos modelos constritos [$\Delta\chi^2$ e ΔCFI , respetivamente]. Considera-se que um valor de $\Delta\chi^2$ superior a $p > .05$ (em referência à matriz de distribuição do χ^2) e que, um valor de ΔCFI igual ou inferior a .01 indicam que a hipótese da invariância não deve ser rejeitada (Cheung & Rensvold, 2002).

A fiabilidade da COMPETITIVIDAD-10 foi avaliada mediante o cálculo dos coeficientes alpha de Cronbach e a estimação dos valores da fiabilidade compósita. Analisámos depois as relações entre as duas subescalas e o género dos participantes. Efetuámos a mesma análise com os valores da variável competitividade – medida calculada pela diferença entre os somatórios das médias dos itens incluídos em cada um dos fatores da escala. Finalmente, avaliámos como indicador da validade referida a critério a associação dos resultados da escala COMPETITIVIDAD-10 com a medida compósita da escala de Inteligência Emocional usada no nosso estudo.

3. Resultados

A escala COMPETITIVIDAD-10 proposta por Remor (2007) é composta por dez variáveis manifestas (itens) referidas a duas variáveis latentes (fatores). Aplicada a versão portuguesa da escala a uma amostra de 491 jogadores de basquetebol, verificou-se que nenhuma das medidas apresentava coeficientes de assimetria e de curtose com valores suscetíveis de indicarem violações severas à distribuição normal (Kline, 1998).

3.1. Estrutura dimensional do questionário

A hipótese geral de que os itens da COMPETITIVIDAD-10 se agrupam em dois fatores foi avaliada mediante a realização de Análise Fatorial Exploratória com procedimento

de extração por máxima verosimilhança. Confirmado que a matriz de correlação entre os itens era apropriada à aplicação deste método (teste da esfericidade de Bartlett: $\chi^2 = 1567.13$ (45), $p < .001$; Medida de Adequação da Amostra = .85), utilizámos o critério da raiz latente para indagarmos qual o número de fatores suscetível de fornecer a melhor representação dos dados (Hair et al., 2014). Conforme a Tabela 1 indica, só dois fatores, explicando cumulativamente 56.20% da variância total, possuíam valores próprios (*eigenvalues*) iguais ou superiores a 1.

Tabela 1. Resultados para a extração dos fatores (máxima verosimilhança).

Fator	Valores próprios (eigenvalues)	Percentagem da variância	Percentagem total da variância
1	3.74	37.37	37.37
2	1.88	18.83	56.20
3	0.83	08.33	64.53
4	0.72	07.16	71.68
5	0.60	06.03	77.71
6	0.57	05.73	83.44
7	0.51	05.13	88.57
8	0.45	04.49	93.06
9	0.40	04.01	97.07
10	0.29	02.93	100.00

Por conseguinte, os resultados da versão portuguesa da escala são congruentes com a proposta de que os itens da COMPETITIVIDAD-10 se agrupam de acordo com duas dimensões (Remor, 2007).

O modelo bi-fatorial da COMPETITIVIDAD-10 ajustado à primeira das subamostras por nós constituída ($N = 245$) foi examinado através da técnica de Análise Fatorial Confirmatória. Os índices obtidos revelaram uma qualidade de ajustamento excelente: χ^2 (34)

= 51.311 ($p = .029$); $\chi^2/df = 1.509$; RMSEA = .046; GFI = .961; CFI = .982; SRMSR = .0444.

Em ordem a apurarmos a validade cruzada deste modelo, repetimos o mesmo tipo de análise com a segunda subamostra ($N = 245$), obtendo também índices de ajustamento aceitáveis: $\chi^2(34) = 61.587$ ($p = .029$); $\chi^2/df = 1.811$; RMSEA = .058; GFI = .959; CFI = .973; SRMSR = .0419. Na Tabela 2 apresentam-se os valores dos pesos fatoriais estandardizados dos dez itens observados em ambas as subamostras. Todos são iguais ou superiores a .60, com diferenças de variação entre .00 e .03, revelando níveis de significância elevados ($p > .001$).

Tabela 2. Pesos fatoriais estandardizados relativos às duas subamostras.

Itens	Fator 1	Fator 2
	(Motivação para o sucesso)	(Motivação para evitar o fracasso)
Item 1	.85/.88	—
Item 2	.87/.86	—
Item 3	.74/.72	—
Item 4	—	.67/.69
Item 5	.79/.79	—
Item 6	—	.61/.60
Item 7	—	.63/.63
Item 8	.62/.63	—
Item 9	—	.72/.71
Item 10	.63/.64	—

Nota: Para cada item os coeficientes da subamostra 1 são mostrados em primeiro lugar e os da subamostra 2 em segundo.

Verificou-se, por outro lado, que as covariâncias estandardizadas (i.e., correlações) entre os dois constructos latentes (i.e., fatores) foram respetivamente de -.345 e de -.346 na

primeira e na segunda amostra, alcançando ambas elevado nível de significância estatística ($p < .001$).

Invariância referente ao género

Efetuámos uma Análise Fatorial Confirmatória multigrupo para avaliar se o modelo bi-fatorial proposto na COMPETIVIDAD-10 se ajustava igualmente bem aos atletas do género masculino e feminino que integravam a totalidade da nossa amostra ($N = 491$). O modelo de base revelou globalmente um bom nível de ajustamento aos dados: $\chi^2 (68) = 120.149$ ($p > .001$); $\chi^2/df = 1.767$; RMSEA = .040; GFI = .954; CFI = .974; SRMSR = .0475.

Este modelo foi comparado com dois modelos constritos especificados através da fixação em valores iguais dos pesos fatoriais e das covariâncias estruturais para os participantes de ambos os géneros. Os resultados reportados na tabela 3 indicam que o ajuste dos modelos constritos não foi substancialmente pior do que o modelo livre. De salientar que as diferenças dos Qui-quadrados obtidos entre o modelo de base e cada um dos modelos constritos e não forneceram valores de $\Delta\chi^2$ estatisticamente significativos pelo que foi possível infirmar a hipótese da instabilidade dos modelos. Do mesmo modo os valores de ΔCFI situaram-se sempre abaixo do limite de .01, corroborando assim a assunção de que a invariância dos modelos não deve ser rejeitada.

Invariância referente à idade

A fim de testarmos a invariância do modelo bi-fatorial em relação à idade, considerámos dois grupos: (i) participantes com idade igual ou inferior a 21 anos ($N = 265$); (ii) participantes com idade igual ou superior a 22 anos ($N = 226$). A análise destinada a testar se o modelo era pertinente em função destes grupos etários apresentou, genericamente, um bom nível de ajustamento aos dados: $\chi^2 (68) = 113.178$ ($p > .001$); $\chi^2/df = 1.664$; RMSEA = .037; GFI = .956; CFI = .978; SRMSR = .0374.

Tabela 3. Índices de ajustamento referentes às Análises Fatoriais Confirmatórias multigrupo.

Análises multigrupo	χ^2	$\Delta\chi^2$	Δ <i>gl</i>	<i>p</i>	RMSEA	GFI	CFI	SRMSR	Δ CFI
Modelos considerando o género									
Parâmetros livres	120.41	—	—	—	.040	.954	.974	.047	—
Pesos fatoriais fixos	126.12	05.97	8	.65	.037	.952	.973	.048	.001
Pesos fatoriais e covariâncias fixas	135.92	15.79	11	.15	.038	.951	.972	.059	.002
Modelos considerando a idade									
Parâmetros livres	113.17	—	—	—	.037	.956	.978	.037	—
Pesos fatoriais fixos	126.83	13.66	8	.09	.037	.950	.975	.043	.003
Pesos fatoriais e covariâncias fixas	127.42	14.24	11	.22	.035	.950	.972	.044	.006

Nota: $\Delta\chi^2$ diferenças entre o qui-quadrado do modelo de base e os Qui-quadrados verificados em cada um dos modelos constritos; Δ *gl* diferenças entre os graus de liberdade referentes ao qui-quadrado do modelo de base e os relativos aos modelos constritos; *p* valores da significância estatística de $\Delta\chi^2$; Δ CFI diferenças entre os valores do CFI dos modelos de base e dos modelos constritos.

À semelhança do procedimento seguido anteriormente, comparámos o ajuste deste modelo com o dos dois constritos, um por fixação dos pesos fatoriais e o outro por fixação das covariâncias estruturais em valores idênticos para ambos os grupos. Os resultados da tabela 3 indicam que o ajustamento dos modelos constritos não foi pior do que o do modelo de base. Note-se que as diferenças entre os Qui-quadrados não apresentaram valores de $\Delta\chi^2$ estatisticamente significativos nem as diferenças entre os valores do CFI violaram o critério de Δ CFI igual ou inferior a.01. Estes dados suportam claramente a hipótese da invariância dos modelos.

3.2. Fiabilidade da COMPETITIVIDAD-10

Avaliámos a fiabilidade do questionário estimando a consistência interna dos itens em cada um dos fatores (subescalas) através do alpha de Cronbach. Considerando que têm sido apontadas limitações quanto à validade desta medida (e.g., Maroco & Garcia Marquez, 2006;

Rodriguez et al.,2016), determinámos para ambas as subescalas os respetivos coeficientes de fiabilidade compósita, adotando a fórmula proposta por Fornell e Larcker (1981).

De acordo com os critérios genericamente aceites (e.g., George & Mallery, 2003) o alpha relativo ao fator 1 (*subescala de motivação para o sucesso*) indica boa consistência interna, sendo o referente ao fator 2 (*subescala de motivação para evitar o insucesso*) aceitável. A exclusão de qualquer item não melhora o valor dos coeficientes alpha apurados.

Do mesmo, os valores dos coeficientes compósitos permitem concluir que o nível de fiabilidade dos fatores é bom.

Tabela 4. Valores dos coeficientes alfa e de fiabilidade compósita.

Fator	Itens	Alpha se item excluído	Alpha total	Coeficiente compósito
1	Item 1	.80		
1	Item 2	.79		
1	Item 3	.82		
1	Item 5	.81	.84	.86
1	Item 8	.83		
1	Item 10	.84		
2	Item 4	.65		
2	Item 6	.67		
2	Item 7	.64	.71	.81
2	Item 9	.61		

Nota: Fator 1 = motivação para o sucesso; Fator 2 = motivação para evitar o insucesso.

3.3. Relações com o género e a pontuação da escala de inteligência emocional

A evidência baseada nas relações dos resultados com outras variáveis é referida como critério de validade de um instrumento. Atendendo a que a literatura documenta profusamente que os níveis de orientação competitiva tendem a ser inferiores nos praticantes do género feminino do que nos praticantes do género masculino, analisámos se essa tendência se verificava, também, na nossa amostra. Os resultados apresentados na tabela 5 parecem, de facto, apontar nesse sentido. Comparando as médias através do teste *t* de Student, as mulheres tenderam a pontuar mais baixo do que os homens na subescala da motivação para o sucesso e na medida da competitividade. Quanto à motivação para evitar o insucesso não se detetaram diferenças estatisticamente significativas associadas à variável género.

Tabela 5. Relações entre o género e as pontuações da COMPETITIVIDAD-10.

Género	Médias na subescala motivação para o sucesso	Médias na subescala motivação para evitar o insucesso	Médias dos scores de competitividade
Masculino	2.65	2.08	0.58
Feminino	2.22	2.01	0.21
teste <i>t</i>	3.54, <i>p</i> <.001	1.06, n.s.	3.82, <i>p</i> <.001

Vários estudos indicam que a Inteligência Emocional está positivamente relacionada com a orientação competitiva dos atletas. Nessa perspetiva a validade do questionário

COMPETITIVIDAD-10 sairá reforçada se essa relação puder ser reproduzida no nosso estudo.

A fim de efetuarmos essa análise calculámos as correlações (r de Pearson) entre os valores dos *scores* compósitos da Escala de Inteligência Emocional de Schutte e as pontuações do questionário COMPETITIVIDAD-10. Verificámos que aqueles *scores* estiveram significativamente correlacionados com os valores das subescalas motivação para o sucesso ($r = .45$), motivação para evitar o insucesso ($r = -.419$) e as notas da competitividade ($r = .61$).

4. Discussão

O presente trabalho teve como objetivo testar a validade do questionário COMPETITIVIDAD-10 (Remor, 2007), criado originalmente em contexto espanhol, numa amostra de atletas de basquetebol portugueses. Para tal, foram elencadas cinco hipóteses que as análises efetuadas não infirmaram.

Pudemos, assim, verificar que a fiabilidade das duas subescalas do questionário se situou em níveis apropriados. A este propósito importa destacar que as diretrizes dimanadas pela última edição dos *Standards for Educational and Psychological Testing* (AERA, APA, & NCME, 2014) passaram a considerar a fiabilidade como critério de validade de uma prova.

O exame da configuração estrutural dos itens da COMPETITIVIDAD-10 feita mediante procedimentos de Análise Fatorial Exploratória e Confirmatória confirmou que os itens se agrupavam consistentemente, na amostra estudada, em duas dimensões ou variáveis latentes, corroborando o modelo apresentado por Remor (2007). Como tal, foi sustentada a ideia de que os itens do questionário avaliam a motivação para o sucesso e a motivação para

evitar o insucesso, aspetos vistos pela literatura como uns dos principais determinantes da competitividade desportiva.

O estudo efetuado forneceu evidência relativa à estabilidade da estrutura fatorial da COMPETITIVIDAD-10 entre diferentes subgrupos diferenciados pelo género e a idade. De facto, as análises da invariância chegaram a resultados similares em cada subgrupo, mostrando que as dimensões do questionário possuem o mesmo significado quando se consideram separadamente os homens, as mulheres bem como os atletas com menos e mais de 21 anos de idade.

Também conforme esperado, observou-se que os homens obtiveram pontuações mais elevadas do que as mulheres tanto no score total de competitividade como na dimensão da motivação para o sucesso. Estes resultados são congruentes com os resultados de vários estudos segundo os quais estas diferenças são relativamente estáveis em diversas sociedades e contextos culturais (e.g., Cashdan, 1998; Frick, 2011; Hinsz & Jundt, 2005; Houston et al., 2005; Remor, 2007).

Os resultados referentes à inteligência emocional, revelaram correlações positivas entre esta variável a motivação para o sucesso e a medida da competitividade. Por sua vez a correlação com a motivação para evitar o insucesso foi significativamente negativa, ou seja, os níveis da inteligência emocional variam na razão inversa da motivação para evitar o insucesso. Estes dados constituem um indicador complementar de validade de critério, na medida em que outros estudos apontam igualmente para este tipo de relações (e.g., Kajbafnezhad et al., 2012; Magnano et al., 2016).

Como limitações deste estudo, apontamos o facto de ter sido utilizada uma amostra por conveniência, onde as situações de competitividade são essencialmente situações interpessoais específicas do basquetebol. Pelo que trabalhos futuros deveriam retratar esta

dimensão da competitividade num espectro mais individual, em desportos individuais onde a competição é centrada no próprio atleta (e.g., atingir melhores tempos pessoais no atletismo).

Por outro lado, as características únicas deste trabalho podem ser olhadas como uma mais valia. Este estudo é pioneiro na confirmação da validade dos constructos latentes da escala COMPETITIVIDAD-10, a motivação para o sucesso e a motivação para evitar o insucesso. Através de uma metodologia de análise estatística diferenciada contribuiu-se para o desenvolvimento e validação deste instrumento direcionado para a avaliação da competitividade. Por outro lado, as relações com variáveis como a inteligência emocional, permitem refletir relativamente à importância do reconhecimento e regulação das emoções, num contexto competitivo como o basquetebol, já que os atletas se deparam com inúmeras emoções competitivas (Jones, 2003; Robazza et al., 2004). Estas, para além de estarem presentes no momento da competição, também se manifestam fora do contexto competitivo, por exemplo influenciando a motivação nos treinos, a forma como os atletas encaram as lesões e se motivam para voltar à atividade o mais rápido possível, e até no momento de planear a reforma. De facto, as emoções representam uma componente essencial na experiência desportiva dos atletas e têm consequências motivacionais para desempenho dos mesmos (Stellino et al., 2012; Uphill & Jones, 2012).

Desta forma, através da aplicação da escala de autorrelato COMPETITIVIDAD-10, agora com a versão portuguesa validada estatisticamente, é possível inferir sobre os níveis de competitividade dos atletas e realizar ações para fomentar uma maior motivação para o sucesso, tendo em vista um melhor desempenho desportivo.

Referências

- AERA, APA, & NCME (2014). *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington: American Educational Research Association.
- Atkinson, J. (1964). *An introduction to motivation*. Princeton, NJ: Van Nostrand.
- Baldauf, S., Engqvist, L., & Weissing, F. (2014). Diversifying evolution of competitiveness. *Nature communications*, 5(1), 1-8. <https://doi.org/10.1038/ncomms6233>
- Bollen, K. (1989). *Wiley series in probability and mathematical statistics. Applied probability and statistics section. Structural equations with latent variables*. John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118619179>
- Campo, M., Sanchez, X., Ferrand, C., Rosnet, E., Friesen, A., & Lane, A. M. (2017). Interpersonal emotion regulation in team sport: Mechanisms and reasons to regulate teammates' emotions examined. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*. 15, 379–394. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2015.1114501>
- Carlstedt, R. (2004). *Critical moments during competition: A mind-body model of sport performance when it counts the most*. London: Taylor & Francis.
- Cashdan, E. (2011). Are men more competitive than women?. *British Journal of Social Psychology*. 37(2). <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1998.tb01166.x>

- Charlesworth, W. (1996). Cooperation and competition: contributions to an evolutionary and developmental model. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 25–39.
<https://doi.org/10.1080/016502596385910>
- Cheung, G., & Rensvold, R. (2002). Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance. *Structural Equation Modeling*, 9(2), 233–255.
https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5
- Ciarrochi, J., Forgas, J., & Mayer, J. (2001). *Emotional intelligence in everyday life: A scientific inquiry*. New York and Hove: Psychology Press.
- Clancy, F., Prestwich, A., Caperon, L., & O'Connor, D. (2016). Perseverative Cognition and Health Behaviors: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Frontiers in human neuroscience*, 10, 534. <https://doi.org/10.3389/fnhum.2016.00534>
- Cowden R. (2016). Mental Toughness, Emotional Intelligence, and Coping Effectiveness: An Analysis of Construct Interrelatedness Among High-Performing Adolescent Male Athletes. *Perceptual and motor skills*, 123(3), 737–753.
<https://doi.org/10.1177/0031512516666027>
- Escartí, A. & Cervelló, E. (1994). La motivación en el deporte. Em *Entrenamiento Psicológico en el Deporte: Principios y Aplicaciones*, 33-34.
- Fornell, C. & Larcker, D. F. (1981). Evaluating SEM with unobserved variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18, 39-50.
<https://doi.org/10.2307.3151312>

- Frick, B. (2011). Gender Differences in Competitive Orientations: Empirical Evidence from Ultramarathon Running. *Journal of Sports Economics*, 12(3), 317–340.
<https://doi.org/10.1177/1527002511404784>
- Fülöp, M., & Orosz, G. (2015). State of the Art in Competition Research. *Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences*. <https://doi.org/10.1002/9781118900772>
- Garcia, S., Tor, A., & Schiff, T. (2013). The psychology of competition: a social comparison perspective. *Perspect. Psychology Science*, 8, 634–650.
<https://doi.org/10.1177/1745691613504114>
- García-Naveira, A. & Remor, E. (2011). Motivación de logro, indicadores de competitividad y rendimiento en un equipo de jugadores de fútbol de competición varones entre 14 y 24 años. *Universitas Psychologica*, 10(2), 477-487.
<https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy10-2.mlic>
- George, D., & Mallery, P. (2003). SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference (4th ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Goleman, D. (1995). *Emotional intelligence*. New York: Bantam.
- Goleman, D. (2001). *The emotionally intelligence workplace. How to select for measure and improve emotional intelligence in individuals, groups and organizations*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Griffin-Pierson, S. (1990). The Competitiveness Questionnaire: A Measure of Two Components of Competitiveness. *Measurement and evaluation in counseling and development*, 23(3), 108-15.

Gross, J. (1999). Emotion regulation: Past, present, future. *Cognition & emotion*, 13(5), 551-573.
<https://doi.org/10.1080/026999399379186>

Guay, F., Vallerand, R., & Blanchard, C. (2000). On the assessment of situational intrinsic and extrinsic motivation: The Situational Motivation Scale (SIMS). *Motivation and Emotion*, 24(3), 175–213. <https://doi.org/10.1023/A:1005614228250>

Hair, J., Black, W., Babin, B., & Anderson, R. (2014). *Multivariate Data Analysis*, (7th Ed). Essex: Pearson.

Hanin, Y. (2000). Individual zones of optimal functioning (IZOF) model: emotion–performance relationships in sport. Em Hanin, Y. (ed.), *Emotions in sport* (pp. 65–89). Champaign, IL: Human Kinetics

Hawley, P. (2010). The role of competition and cooperation in shaping personality: an evolutionary perspective on social dominance, Machiavellianism, and children’s social development. In D. M. Buss and P. H. Hawley (Eds.) *The Evolution of Personality and Individual Differences*. New York: Oxford University Press.

Helmreich, R., Beane, W., Lucker, G., & Spence, J. (1978). Achievement motivation and scientific attainment. *Personality and Social Psychology Bulletin*. 4, 222–226.
<https://doi.org/10.1177/014616727800400209>

Hinsz, V. & Jundt, D. (2005). Exploring Individual Differences in a Goal-Setting Situation Using the Motivational Trait Questionnaire. *Journal of Applied Social Psychology*, 35, 551-571. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2005.tb02135.x>.

- Houston, J., Harris, P., McIntire, S. & Francis, D. (2002). Revising the competitiveness index using factor analysis. *Psychological Reports*, 90, 31-34. <https://doi.org/10.2466/PRO.90.1.31-34>
- Houston, J., Harris, P., Moore, R., Brummett, R. & Kmetani, H. (2005). Competitiveness among japanese, chinese, and american undergraduate students. *Psychological Reports*, 97(1), 205-212. <https://doi.org/10.2466/PRO.97.5.205-212>
- Izard, C. (1993). *Four systems for emotion activation: cognitive and noncognitive processes*. *Psychological Review*, 100, 68–90.
- Jahroni, F., & Ghaleh, S. (2015). Predicting the mental skills through emotional intelligence in student sports Olympiad in 2014. *Journal of Applied Environmental and Biological Sciences*, 5(11), 727-732.
- Jarvis, M. (2006). *Sport Psychology. A Student Handbook* (ed. rev.). London: Taylor & Francis.
- Johnson, D. (1992). Competitiveness and performance in the workforce: Hierarchical factor analysis of managerial competitiveness, achievement motivation, and the big five personality dimensions (Doctoral Dissertation, Iowa State University). <https://doi.org/10.31274/rtd-180813-9480>
- Jones, M. (2003). Controlling emotions in sport. *The Sport Psychologist*, 17, 471–486.
- Jones, T. (2015). Our conception of competitiveness: unified but useless?. *Journal of the Philosophy of Sport*, 42(3), 365-378. <https://doi.org/10.1080/00948705.2015.1036877>

- Kajbafnezhad, H., Ahadi, H., Heidarie, A., Askari, P., & Enayati, M. (2012). Predicting athletic success motivation using mental skin and emotional intelligence and its components in male athletes. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, 52(5), 551–557.
- Kayhan, E. (2003). Two Facets of Competitiveness and their Influence on Psychological Adjustment, Achievement, and Decision-Making. *Honors Projects*. Illinois Wesleyan University. <http://digitalcommons.iwu.edu/jwprc/2003/posters2/14>
- Keegan, R., Spray, C., & Harwood, C. (2014). A qualitative investigation of the motivational climate in elite sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 15(1), 97–107
<https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2013.10.006>
- Kohn, A. (1992). *No contest: The case against competition*. Boston: Houghton Mifflin.
- Kumar, K. (2016). Emotional intelligence and achievement motivation: A correlation study. *Indian Journal of Health and Wellbeing*, 7(5), 546–549.
- Lane, A., Beedie, C., Jones, M., Uphill, M., & Devonport, T. (2012). The BASES expert statement on emotion regulation in sport. *Journal of Sports Sciences*, 30, 1189–1195.
<https://doi.org/10.1080/02640414.2012.693621>
- Little, T. (2013). *Longitudinal Structural Equation Modeling*. New York: Guilford Press.
- Lorenzo-González, J. (1997). Factores psicológicos que intervienen en la competición. *Psicología del Deporte*. 121-132

- Lynn, R., & Grolund, N. (2000). *Measurement and assessment in teaching* (8th ed.). Upper Saddle River, NJ: Merrill/Prentice Hall.
- Magnano, P., Craparo, G., Paolillo, A. (2016). Resilience and emotional intelligence: Which role in achievement motivation. *Int. J. Psychol. Res.* 1, 9–20. <https://doi.org/10.21500/20112084.2096>
- Maroco, J. & Garcia Marquez, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia*, 4, 65-90.
- Maroco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos Teóricos, Software e Aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Martens, R. (1975). *Social Psychology of Sport*. New York: Harper & Row.
- Martin, J. & Ecklund, R. (1994). The relationships among competitiveness, age and ability in distance runners. *Journal of Sport Behavior*, 17(4), 258-266. http://digitalcommons.wayne.edu/coe_khs/37
- Martin, J., & Gill, D. (1995). Competitive orientation, self-efficacy and goal importance in Filipino marathoners. *International Journal of Sport Psychology*, 26(3), 348-358.
- McClelland, D. (1961). *The achieving society*. New York: Free Press.
- Menesini, E., Tassi, F., & Nocentini, A. (2018). The competitive attitude scale (CAS): a multidimensional measure of competitiveness in adolescence. *Journal of Psychology and Clinical Psychiatry*, 9(3), 240-244. <https://doi.org/10.15406/jpcpy.2018.09.00528>

- Moran, A. P. (2004). *Sport and exercise Psychology: A critical introduction*. New York: Routledge.
- Murray, H. (1938). *Explorations in personality*. New York: Academic Press.
- Orosz, G., Tóth-Király, I., Büki, N., Ivakevics, K., Bóthe, B., & Fülöp, M. (2018). The Four Faces of Competition: The Development of the Multidimensional Competitive Orientation Inventory. *Frontiers in Psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00779>
- Remor, E. (2007). Propuesta de un cuestionario breve para la evaluación de la competitividad en el ámbito deportivo: Competitividad-10. *Revista de Psicología del Deporte*, 16, 167-183. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=235119266005>
- Robazza, C., Pellizzari, M., & Hanin, Y. (2004). Emotion self-regulation and athletic performance: An application of the IZOF model. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 379–404. [https://doi.org/10.1016/S1469-0292\(03\)00034-7](https://doi.org/10.1016/S1469-0292(03)00034-7)
- Rodriguez, A., Reise, S., & Haviland, M. (2016). Evaluating bifactor models: Calculating and interpreting statistical indices. *Psychological Methods*, 21, 137–150. <https://doi.org/10.1037/met0000045>
- Ryckman, R., Hammer, M., Kaczor, L. & Gold, J. (1990). Construction of a Hypercompetitive Attitude Scale. *Journal of Personality Assessment*. 55(3), 630-639, <https://doi.org/10.1080/00223891.1990.9674097>
- Salovey, P., & Mayer, J. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9, 185-211. <https://doi.org/10.2190/DUGG-P24E-52WK-6CDG>

Schutte, N. S., Malouff, J. M., & Bhullar, N. (2009). *The assessing emotions scale*. Springer, Boston, MA.

Schutte, N., Malouff, J., Hall, L., Haggerty, D., Cooper, J., Golden, C., & Dornheim, L. (1998). Development and validation of a measure of emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 25, 167–177. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00001-4](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00001-4)

Stellino, M., Moore, K., & Partridge, J. (2012). Social Influence on Emotion in Sport. *Routledge Online Studies on the Olympic and Paralympic Games*. 1(53), 118-142, <https://doi.org/10.4324/9780203852293>

Uphill, M., & Jones, M. (2012). The Consequences and Control of Emotions in Elite Athletes: Em Coping and Emotion in Sport: *Routledge Online Studies on the Olympic and Paralympic Games*, 1(53), 213-235.

Vicente, M. (2014). *Validação da Escala de Inteligência Emocional de Schutte* (Doctoral dissertation).

Widaman, K., & Reise, S. (1997). Exploring the measurement invariance of psychological instruments: Applications in the substance use domain. *American Psychological Association*, 281–324. <https://doi.org/10.1037/10222-009>

Apêndices

COMPETITIVIDADE-10:

ANÁLISE DE INDICADORES DE VALIDADE NUMA AMOSTRA DE ATLETAS DE BASQUETEBOL PORTUGUESES.

No âmbito da minha dissertação de mestrado, inserido no Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, convido-o a participar num estudo sobre competitividade e inteligência emocional. O presente estudo tem como objetivo **validar uma escala de competitividade numa amostra de atletas de basquetebol português**.

Desta forma, solicito a sua importante participação nesta investigação através do preenchimento de um questionário, que demorará cerca de **5 minutos**.

É relevante informar que **não existem respostas corretas nem erradas**, apenas deve ser o mais sincero possível, não perdendo demasiado tempo com uma questão.

As suas respostas são confidenciais, sendo unicamente utilizadas no âmbito desta investigação. A sua participação é voluntária, sendo que se pode retirar da mesma a qualquer altura ou recusar em participar.

Após tomar conhecimento das explicações acima referidas,
eu, _____ declaro que aceito participar nesta investigação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, consciente de que a informação veiculada será confidencial e utilizada exclusivamente para os fins académicos supramencionados.

____/____/2020

_____(assinatura)

Idade _____	Clube _____	Género M / F
Nacionalidade _____		Anos de prática desportiva: _____

COMPETITIVIDADE

(Competitividad-10, 2007)

As frases seguintes referem-se a vivências que os basquetebolistas podem experienciar quando estão a competir. Leia cada uma delas com atenção e decida até que ponto estas situações se aplicam a si quando está a competir em jogos. Responda honestamente com o que mais se identifica, já que não existem respostas corretas ou incorretas. Escolha a opção que melhor descreve como se sente ou reage quando está a competir.

Utilize as seguintes opções de resposta:

- 1- Quase nunca
- 2- Às vezes
- 3- Quase sempre

1	Sinto-me com vontade de competir.	1	2	3
2	Desejo ser o melhor cada vez que compito.	1	2	3
3	Detesto perder em competição.	1	2	3
4	Os erros durante a competição fazem-me sentir e pensar negativamente sobre mim.	1	2	3
5	Sinto-me motivado para dar o melhor de mim na competição.	1	2	3
6	Sinto-me melhor e penso que rendo mais nos treinos do que nos jogos.	1	2	3
7	Preocupa-me o que os outros possam pensar da minha performance.	1	2	3
8	Quanto mais difícil é o desafio, melhor é a minha performance.	1	2	3
9	Quando cometo um erro durante a competição fico desgostoso e tudo me corre mal.	1	2	3
10	Se pessoas importantes me observam durante a competição, preocupo-me e prefiro que não assistam.	1	2	3

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL
(Schutte Emotional Intelligence Scale, 1998)

Cada uma das seguintes afirmações questiona-o/a sobre as suas emoções ou reações associadas a essas emoções. Por favor leia cada uma e assinale com um círculo a opção de resposta que traduz o que, no geral, é verdade para si em relação a cada afirmação. Não há respostas certas ou erradas.

Por favor responda a todas as afirmações e assinale a resposta que melhor o/a descreve, de acordo com a seguinte escala:

- 1- Discordo totalmente
- 2- Discordo um pouco
- 3- Não concordo nem discordo
- 4- Concordo um pouco
- 5- Concordo totalmente

1	Sei quando falar acerca dos meus problemas pessoais para outros.	1	2	3	4	5
2	Quando me deparo com obstáculos, lembro-me de situações em que enfrentei obstáculos semelhantes e os ultrapassei.	1	2	3	4	5
3	É-me difícil compreender as mensagens não-verbais das outras pessoas.	1	2	3	4	5
4	Alguns dos maiores acontecimentos da minha vida, levaram-me a reavaliar o que é ou não importante.	1	2	3	4	5
5	Quando o meu humor muda vejo novas possibilidades.	1	2	3	4	5
6	As emoções são uma das coisas que fazem a minha vida valer a pena.	1	2	3	4	5
7	Tenho consciência das minhas emoções à medida que as experiencio.	1	2	3	4	5
8	Gosto de partilhar as minhas emoções com os outros.	1	2	3	4	5
9	Quando sinto uma emoção positiva, sei como fazê-la durar.	1	2	3	4	5
10	Organizo eventos e atividades que as outras pessoas apreciam.	1	2	3	4	5

11	Estou consciente das mensagens não-verbais que envio para os outros.	1	2	3	4	5
12	Quando estou bem-disposto/a resolver problemas é fácil para mim.	1	2	3	4	5
13	Reconheço as emoções que as pessoas estão a sentir, olhando para as suas expressões faciais.	1	2	3	4	5
14	Sei porque é que as minhas emoções mudam.	1	2	3	4	5
15	Quando estou bem-disposto/a, consigo ter novas ideias.	1	2	3	4	5
16	Tenho controlo sobre as minhas emoções.	1	2	3	4	5
17	Reconheço facilmente as minhas emoções à medida que as experiencio.	1	2	3	4	5
18	Motivo-me a mim próprio/a imaginando um bom resultado para as tarefas que assumo.	1	2	3	4	5
19	Tenho consciência das mensagens não-verbais que outras pessoas enviam.	1	2	3	4	5
20	Quando outra pessoa me fala acerca de um acontecimento importante na sua vida, quase que sinto como se estivesse a experienciar este evento eu próprio/a.	1	2	3	4	5
21	Quando sinto que as minhas emoções mudam, tendo a encontrar novas ideias.	1	2	3	4	5
22	Quando me confronto com um desafio, desisto porque acredito que irei falhar.	1	2	3	4	5
23	Sei o que as outras pessoas estão a sentir só de olhar para elas.	1	2	3	4	5
24	Ajudo as outras pessoas a sentirem-se melhor quando estão em baixo.	1	2	3	4	5
25	Uso a boa disposição para me ajudar a continuar a tentar a enfrentar obstáculos.	1	2	3	4	5
26	Consigo dizer como é que as pessoas se sentem, ouvindo o tom da sua voz.	1	2	3	4	5
27	É-me difícil compreender porque é que as pessoas sentem aquilo que sentem.	1	2	3	4	5

